

ORAÇÃO PRINCIPAL E CONJUNÇÃO INTEGRANTE: DA GRAMÁTICA À CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO

Felipe de Andrade Constancio (UFRJ/SEEDUC/SME-RJ)

RESUMO: As orações principais, embora recebam pouco investimento descritivo na tradição gramatical, assumem, além da relevância de seu conteúdo estrutural, marcas discursivas que configuram recursos opinativo-argumentativos na constituição da textualidade. Neste trabalho, são revisitadas duas categorias – as orações principais e as conjunções integrantes –, ambas necessárias não só à organização do período composto, como também primordiais à veiculação de marcas textuais de opinião. O trabalho adota como modelo teórico as recentes discussões do funcionalismo linguístico acerca da organização dos constituintes do período composto por subordinação. Para endossar a relevância da estrutura oracional em tela, analisa-se um exemplo de carta de leitor, em que é possível o mapeamento de marcas linguísticas opinativas e, conseqüentemente, argumentativas.

PALAVRAS-CHAVE: Oração principal; conjunção integrante; opinião.

MAIN CLAUSE AND INTEGRAL CONJUNCTION: FROM GRAMMAR TO CONSTRUCTION OF OPINION

ABSTRACT: The main clauses, although they receive little descriptive investment in the grammatical tradition, assume, in addition to the relevance of their structural content, discursive marks that configure opinionated-argumentative resources in the constitution of textuality. In this work, two categories are revisited – the main clauses and the integral conjunctions –, both necessary not only for the organization of the compound period, but also essential for conveying textual marks of opinion. The work adopts as a theoretical model the recent discussions in linguistic functionalism about the organization of the constituents of the period composed of subordination. To endorse the relevance of the clause structure in question, an example of a reader's letter is analyzed, in which it is possible to map opinionated and, consequently, argumentative linguistic marks.

KEYWORDS: Main clause; integral conjunction; opinion.

1. Considerações iniciais

Uma investigação que leve em conta o papel das orações principais imersas em um território em que a oração substantiva assume extrema relevância não pode prescindir também do papel que exercem as conjunções integrantes para a combinação de unidades complexas com potencial significativo.

Injustamente, as conjunções integrantes são alojadas e rotuladas na tradição gramatical como unidades responsáveis apenas pelo encadeamento sintático de orações principais e de orações substantivas. Conforme aponta Castilho (2012, p. 356 -357),

a conjunção integrante *que* deriva do latim vulgar *quid*. Nessa variedade, várias conjunções ligavam as substantivas às matrizes¹ (*quod, quid, quia, quomodo*), mas foi *quid* a que sobreviveu (Maurer Jr., 1959: 167 – 168, 217). As seguintes sintaxes eram possíveis: *dixit quod/quid/quia/quomodo* + verbo, em que o português arcaico encontra suas raízes: *disse que (<quid)/ca (<quia)/como (<quomodo)* + verbo. A conjunção integrante e a conjunção condicional *se* derivam de um mesmo étimo latino, *si*.

Com o aprimoramento dos estudos em torno da teoria de gramaticalização de conectores no século XX, as conjunções integrantes passaram a receber tratamentos variados acerca do seu conteúdo meramente estrutural e acerca de sua capacidade de contribuir com possíveis valores semânticos na construção do período composto por subordinação.

Neste trabalho, resgata-se o conceito de gramaticalização para a observação mais atenta dos possíveis papéis discursivos das conjunções integrantes na construção de períodos. Um olhar mais atento em torno desses papéis discursivos das integrantes tem contribuído para uma visão ambivalente de seu papel na sequenciação e na segmentação das principais. Estudos mais recentes têm demonstrado que podem existir elementos no seio das principais que permitem a seleção de determinada conjunção integrante e vice-versa.

Além de resgatar a discussão sobre os papéis da conjunção integrante, o trabalho sugere a existência de estruturas cristalizadas no português, cuja amplitude ultrapassa os domínios da segmentação sintática, de modo a trazer valores semânticos variados, como a modalização. Estudos recentes também têm demonstrado que determinadas construções – “acho que”, “creio

¹ Nos estudos linguísticos mais recentes, utiliza-se outra denominação para as orações principais, que passam a ser chamadas de “matrizes”, conforme aponta Castilho (2012, p. 356 – 357).

que”, por exemplo – sofreram um processo complexo de gramaticalização e portam mais conteúdos pragmáticos quando são enunciadas em determinadas condições de uso da língua.

Ainda neste trabalho, busca-se compreender como alguns itens localizados na órbita da oração principal são decisivos para determinadas escolhas sintáticas e discursivas. Defende-se, aqui, a noção de que as orações principais veiculam materiais linguísticos cuja constituição implica acarretamentos discursivos para o encadeamento de todo o período.

2. Gramaticalização de conjunções integrantes

A concepção mais global que se pode fazer sobre o processo de gramaticalização está em Casseb-Galvão (2007, p. 15):

Dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A constante renovação do sistema linguístico – percebida, sobretudo, pelo surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes – traz à tona a noção de “gramática emergente”, concepção assumida de modo explícito ou não por vários estudiosos da gramaticalização.

Uma das investigações mais comum dos estudos de gramaticalização diz respeito à alteração de estatuto categorial, quando uma categoria da gramática “migra” para outra categoria, de modo a assumir os traços semânticos dessa outra categoria. Os estudos atuais acerca de gramaticalização têm apontado, com frequência, um maior índice de alteração do estatuto categorial de palavras gramaticais, como no caso das conjunções.

Um desses casos, portanto, é o da conjunção integrante “que”. Essa palavra gramatical teve o seu estatuto gramatical historicamente modificado ao se somar, por exemplo, a outras palavras – porque, uma vez que, mesmo que, ainda que etc. – de modo que contribui para que outras nuances semânticas surjam na língua. Alguns estudos, como o de Castilho (2012), demonstram que a conjunção integrante sofreu, historicamente, processos complexos em torno de sua constituição sintático-semântica.

Na tradição gramatical, a conjunção integrante “que” tem o seu traço sintático de conector acentuado e, diferentemente do que ocorre com outros itens categoriais cuja relevância significativa no processo de conexão é acentuada, o seu traço semântico foi descartado nos

estudos linguísticos. Dessa forma, a conjunção integrante, diferentemente das conjunções adverbiais, adquire uma função prototipicamente sintática, a saber: opera na conexão entre a oração principal e as orações substantivas.

Os estudos recentes sobre gramaticalização têm investido na análise de resignificação sintática de conjunções. A base para esses estudos parece residir na seguinte consideração de Casseb-Galvão (2007, p. 17):

Com o objetivo de tornar a exposição didática, é suficiente, por ora, entender a gramaticalização como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial.

Embora seja reservado à conjunção integrante “que” o papel de conexão entre as orações principais e as orações substantivas, outras conjunções podem igualmente assumir esse papel e, ainda, portar conteúdos semânticos de modo a continuar veiculando os seus traços significativos em estruturas complexas. Os exemplos de (1) a (3) dão conta dessa realidade sintático-semântica:

- (1) Não sei quando a UERJ sairá da greve.
- (2) Não sei como a UERJ sairá da greve.
- (3) Não sei se a UERJ sairá da greve.

Em todos os casos, os conectores – “quando”, “como” e “se” – comportam-se como conjunção integrante, na medida em que conectam o conteúdo estrutural da oração principal ao conteúdo estrutural das orações substantivas. Todos esses conectores, além de encabeçar a estrutura oracional das orações substantivas, portam valores semânticos diferenciados: “quando” assume um valor temporal; “como” assume um valor modal; “se” assume um valor hipotético/dubitativo. Conseqüentemente, pode-se dizer que conjunções adverbiais assumem traços sintáticos de conjunção integrante em determinadas estruturas da língua, em um processo de gramaticalização que envolve a mudança de estatuto sintático-semântico.

Toda essa revitalização dos estudos em torno das conjunções integrantes tem demonstrado que a combinação dos itens no eixo do período composto esteve aquém das expectativas dos estudos pragmático-discursivos, de modo que o esvaziamento e o conseqüente apagamento das marcas semânticas foram negligenciados em descrições mais tradicionais do português.

Essa revitalização descritiva tem contribuído no sentido de que tem dado pistas significativas em relação aos matizes semânticos da conjunção integrante, no sentido de que sua participação imediata à estrutura da oração principal traz para o resto do período interpretações semânticas variadas. As descrições mais tradicionais do português negligenciaram essa participação das integrantes na constituição dos matizes semânticos das orações principais, uma vez que a segmentação canônica de orações principais e de orações substantivas segregava/segrega as integrantes e estas últimas orações.

3. Construção de blocos cristalizados

Sobre a produtividade dos processos de gramaticalização, destaca Dias (2007, p. 92): “Dos muitos fenômenos de gramaticalização de itens, a formação de conjunções tem se mostrado um domínio extremamente fértil, visto que, na história das línguas, essa classe de palavras sempre esteve sujeita à renovação”.

Com a conjunção integrante esse processo de “renovação” dá-se frequentemente na língua. Uma breve análise da constituição sintático-semântica nos exemplos abaixo corrobora o fato de que as integrantes, a depender do diálogo estrutural que estabelecem com as orações principais, podem conferir a estas orações conteúdos discursivos distintos. Vejam-se os exemplos:

(4) Sei que a UERJ sairá da crise.

(5) Não sei que a UERJ sairá da crise.

(6) Sei se a UERJ sairá da crise.

(7) Não sei se a UERJ sairá da crise.

A partir dos pares oracionais, pode-se fazer a seguinte constatação: as orações (4) e (7) não parecem causar estranheza fônica aos usuários da língua quanto à sua organização sintático-semântica, no entanto, o mesmo não se pode dizer das orações (5) e (6). Uma análise minuciosa dos constituintes oracionais fornece pistas valiosas a respeito dos fatores de estranhamento das construções em (5) e (6).

Observando a organização sintática das orações (4) e (5), constata-se que houve o acréscimo de partícula negativa (advérbio de negação) em uma delas, na oração (5). O fato é que essa partícula negativa ocorre justamente nos territórios da oração principal, mais precisamente antes do verbo da oração principal (o verbo saber).

Essa ocorrência de “não” na oração principal de (5) retira o teor de certeza dessa oração – o que se costuma chamar modalização epistêmica asseverativa – e, conseqüentemente, gera um período com conteúdo mais agramatical, no sentido de que causa estranhamento quanto à sua configuração prosódica e enunciativa.

Em (6) e (7), ocorre exatamente o contrário. O uso do verbo “saber” seguido da conjunção integrante “se” em (6) causa estranhamento porque há o embate de duas noções semânticas – o verbo “saber” veicula conteúdo de certeza, e a conjunção integrante “se” veicula conteúdo dubitativo. Talvez, os usuários da língua questionem essa construção pelo fato de ela portar conteúdo paradoxal (a certeza e a dúvida ao mesmo tempo).

A co-ocorrência de partícula negativa na oração principal e a sequenciação da conjunção integrante “se” em (7) conferem à construção global o que se costuma chamar modalização epistêmica dubitativa, o que confere ao enunciado um matiz de incerteza. Em linhas gerais, o produtor de (4) compromete-se mais com o que enuncia, e o produtor de (7) compromete-se menos. Esses graus de comprometimento, por conseguinte, são mediados pela estrutura das orações principais (todo o seu material linguístico evidencia esse processo) e pela sequenciação de determinada conjunção integrante (uma categoria em processo de gramaticalização).

Essa breve análise de casos particulares de usos de orações principais e conjunções integrantes recebe especial atenção em estudos recentes de gramaticalização. Não é só com o verbo “saber”, localizado na oração principal, que a conjunção integrante manifesta matizes significativos variados. Pesquisas recentes² têm mostrado que verbos como “achar” e “parecer” veiculam igualmente graus variados de comprometimento do enunciador, a depender de sua configuração sintático-discursiva.

Ainda que seja bastante recente, a sugestão de um estudo que leve em conta a relevância das conjunções integrantes para a interpretação das orações principais redireciona o olhar do analista para uma outra ótica, a saber: considerando a segmentação e a divisão de orações, é válido dizer que as conjunções integrantes encabeçam orações substantivas, mas podem formar blocos cristalizados (de modo a veicular conteúdos de natureza discursiva) com as orações principais.

A sugestão de uma abordagem funcionalista das orações principais não desprestigia os fatores sintáticos envolvidos na articulação de orações, mas não deixa de fazer incursões pelo

² Lima-Hernandes (2007, p. 187) aborda a questão da modalização epistêmica em verbos como “achar” e “parecer”.

território dos usos linguísticos. A observação da organização sintático-semântica das principais tem revelado um potencial discursivo para além de fatores como reconhecimento e classificação.

Por ora, pode-se dizer que ainda são iniciais os estudos sobre os valores semânticos das conjunções integrantes, mas eles têm contribuído para que haja uma revisão teórica da categoria, em termos de incidência e de frequência na língua. A gramaticalização é, portanto, um fenómeno envolto à mudança linguística e, neste domínio, o estudo das conjunções integrantes tem sido promissor, de modo a construir um quadro teórico em que não se pode esquecer todo o entorno do período, incluído neste caso o estudo das orações principais.

4. Combinação de itens na oração principal

Em artigo intitulado “Construções subjetivas”, Abraçado (2017, p. 167) assim define esse tipo de construção:

As construções subjetivas são constituídas de oração matriz seguida de oração (ou orações) que respondem às mesmas demandas de um sujeito oracional. No entanto, esse sujeito não é revestido dos traços de um sujeito prototípico, pois detém traços negativos de agente, de tópico, de tema, de informatividade dada, de individuação e não pode ser avaliado segundo os critérios de animacidade.

Neste estudo de Abraçado (2017, p. 167), dá-se especial relevância à constituição dos itens da oração matriz e à sua topicalização diante de orações substantivas subjetivas. De acordo com a autora (2017, p. 167), a oração matriz, “além da função predicadora, selecionadora da oração tida como sujeito”, assume a “função modalizadora (epistêmica, deôntica) podendo refletir ainda avaliação (expressa como apreciação, afeto e julgamento)”.

No exemplo (8), que foi retirado de Abraçado (2017, p. 170):

(8) “É incrível / que ele tenha vencido”.

“a oração matriz da construção subjetiva é expressa pelo adjetivo qualificativo antecedido ou não do verbo ser”.

Esta posição da oração matriz (“É incrível”), anteposta à oração subjetiva (“que ele tenha vencido”), contribui, segundo a autora, para a veiculação das seguintes peculiaridades da oração matriz: a predicação do sujeito oracional; o equilíbrio entre as formas verbais das duas orações; o acúmulo de valores textuais-discursivos nessas orações topicalizadas.

Operando um estudo sistemático em *corpus* do português brasileiro, Abraçado (2017, p. 189) pontua o processo de tensão discursiva criado pela estrutura verbo de ligação seguido de adjetivo posta antes de conjunção integrante. Nesta posição de tópico, segundo a autora (2017, p. 189), a oração matriz/oração principal assume os seguintes traços:

O primeiro ponto é a ordem em que as orações se posicionam. A posição inicial da oração matriz servirá como local de marcação de posicionamento/atitude do falante/escrevente que, cognitivamente, reconhece o espaço de sua expressão e, por isso, textualmente, aponta para o início da sentença, o que desencadeia a inversão do sujeito oracional, numa estrutura VS. Como resultado, a oração subjetiva apresenta-se pesada linguisticamente, e posicionada categoricamente, após a oração matriz (...).

Sobre o deslocamento de itens na estrutura interna e externa à oração principal, observam-se os casos reservados aos exemplos abaixo (em que há distintas formas de topicalização):

(9) É incrível que ele tenha vencido.

(10) Que ele tenha vencido é incrível.

(11) Incrível é que ele tenha vencido.

Em (9), a oração principal encontra-se em posição prototípica: antecede a oração substantiva e cria com ela uma estrutura de tensão discursiva; Em (10), a oração principal encontra-se posposta à oração subjetiva: na tradição gramatical, esse posicionamento implica a posição prototípica de sujeito-predicado; em (11), houve mobilidade no interior da própria oração principal: na tradição gramatical, ocorre a mudança classificatória (de subjetiva para predicativa). Como se pode notar, o fator mobilidade sintática (entre a principal e a subjetiva, ou no interior da própria principal) pode sinalizar tensão discursivo-pragmática na produção dos enunciados.

Veja-se que também é possível essa mobilidade interna na oração principal por meio da estrutura pronome-verbo ou verbo-pronome:

(12) Eu acho que a UERJ sairá da crise.

(13) Acho eu que a UERJ sairá da crise.

Os estudos de constituição estrutural e de mobilidade das orações principais no âmbito do período composto têm efetivado a noção de que existem sentidos veiculados a partir do arranjo e da mobilização dos constituintes nas orações principais e nas orações substantivas. As

pesquisas de Abraçado (2017) sugerem que existem traços morfossintáticos das orações principais que revelam conteúdos pragmáticos e discursivos imersos na tensão do período composto.

Obviamente, a complexa organização dos itens da oração principal e o seu conseqüente uso revelam, por parte do enunciador, um monitoramento da linguagem, em que os conteúdos mais argumentativos, sobretudo no texto escrito, são concretamente dispostos com vieses discursivos intencionais.

5. Marcação de tipologia opinativo-argumentativa

Abraçado (2017, p. 189) ressalta os aspectos tipológicos das orações matrizes no seguinte excerto:

O segundo ponto importante é a morfossintaxe da oração matriz, estrutura verbal em 3ª pessoa do singular, forma unipessoal, que permite ao falante/escrevente simular o distanciamento do assunto abordado e, certamente, simular o próprio descomprometimento da informação veiculada.

A constituição morfossintática das orações principais que encabeçam orações substantivas tem revelado a marcação de uma seqüência tipológica (itens linguísticos) que configura a ordenação de determinados gêneros textuais por meio da tipologia discursivo-argumentativa.

Por se localizar na estruturação do período composto por subordinação, a oração principal anteposta à oração substantiva pode veicular, por intermédio de sua topicalização, marcas textuais de argumentação, em que o enunciador lança mão de estratégias para persuadir e para convencer o outro.

Decat (2010, p. 234-236) aborda a questão das “estruturas retóricas” dos gêneros textuais. A autora (2010, p. 234-236), em seus estudos de linguagem em uso, mapeia as estruturas linguísticas de alguns gêneros para pontuar que há uma estabilidade dessas estruturas e as conseqüentes intenções textuais específicas de determinados gêneros. Nesse sentido, as marcas linguísticas da receita (os verbos de comando estruturados no imperativo) dão prova de que esse material linguístico repete-se, por exemplo, em todas as receitas como um protótipo (é uma estruturada esperada).

As orações principais que precedem as orações substantivas têm, por conseguinte, um potencial discursivo e uma estrutura retórica, na medida em que podem figurar em determinados gêneros textuais, tais como: artigo de opinião, editorial, carta de leitor (para citar alguns). Essa materialidade dos usos da oração principal traz determinadas motivações para o estudo de marcas opinativas nesses gêneros textuais, a saber: o enunciador pode comprometer-se; o enunciador pode proteger a própria face.

6. Considerações finais

A seguir transcreve-se uma carta de leitor, em que as estruturas argumentativas veiculam o conteúdo retórico opinativo da parte do enunciador. Veja-se a relevância discursiva das orações principais:

Acredito que nem a própria VEJA tenha noção do profícuo e imenso trabalho social dessa reportagem digna de prêmios e aplausos. Jamais se saberá quantas vidas vão se poupar em decorrência desse magnífico e profundo atrevimento jornalístico... Dá orgulho e satisfação ser leitor dessa enciclopédia semanal. Cumprimento a jornalista Natalia Cuminale e a revista VEJA por suas sempre relevantes reportagens – foi demais, e sei que vem mais! [Celso Borges / Uberaba, MG] [Veja, 23/01/2013]

A carta de leitor apresenta duas construções com oração principal – uma que inicia e a outra que encerra o texto. Ambas marcam, em primeira pessoa, a opinião do enunciador, o leitor da Revista Veja. As duas orações principais ratificam o conteúdo da carta, que, em linhas gerais, dirige um elogio à revista.

A primeira oração principal, que está em posição de tópico na carta, porta um verbo de matiz semântico voltado à volição, ou seja, o elogio do leitor parte de uma concepção bastante particular do que seja uma reportagem bem elaborada. Todos os períodos que se seguem após esta construção confirmam a intencionalidade do leitor, que tem a oportunidade de parabenizar a reportagem.

A segunda oração principal, sublinhada no fim do texto, denota na linha discursiva um conteúdo semântico da certeza. Por meio do verbo “saber”, o leitor não só tem certeza do que se sucederá após a publicação da primeira reportagem, como também compromete a Revista

Veja, no sentido de que o corpo editorial terá de dar o seu melhor para publicar matérias tão relevantes quanto àquela que se está elogiando.

Sintaticamente, as orações principais encabeçam e encerram o texto, respectivamente. A posição de ambas, no início do período, ratifica a noção de que elas criam uma tensão textual. Por meio do monitoramento sintático, o leitor tem consciência de sua participação no que escreve.

Discursivamente, as orações principais comprometem o leitor no sentido de que ele ora parece comportar-se como um leitor pró-ativo da Revista, ora parece “autorizar” o que se pode ou não veicular nas reportagens da Revista. De modo geral, este leitor configura-se como um filtro do que se deve ou não publicar semanalmente na Veja. Ele parece ser o leitor que fornece o *feedback* diário, aquele que autoriza outras leituras de outros leitores.

Como se pode observar, o tratamento sintático-discursivo das orações principais parte, neste trabalho, de uma perspectiva microtextual – a escolha da oração e da conjunção integrante em si – para uma perspectiva macrotextual – a oração principal contribui significativamente para a marcação das particularidades enunciativas. O conteúdo estrutural endossa, portanto, a tipologia textual opinativo-argumentativa.

7. Referências bibliográficas

ABRAÇADO, Jussara. “Construções subjetivas”. In: BAGNO, Marcos *et alii*. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

CASSEB-GALVÃO, Vânia. “Tratado geral sobre gramaticalização”. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia *et alii*. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. “Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista”. In: MARINHO, Janice

Helena Chaves *et alii*. *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DIAS, Nilza Barrozo. “Estudos de caso: gramaticalização de conjunções”. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia *et alii*. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. “Gramaticalização e ensino”. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia *et alii*. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.